



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

O PERCURSO DOS QUADRINHOS COMO INSTRUMENTO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Elisângela Leal da S. Amaral

Marlon Leal Rodrigues

Nataniel dos Santos Gomes

Resumo: Os quadrinhos já foram marginalizados, combatidos como fonte geradora do “desvirtuamento” de menores, colocados de lado como algo sem utilidade, principalmente para a área da educação, sob a alegação de que os mesmos não possuíam conteúdos considerados cultos ou apropriados para a educação de crianças e adolescentes. Esses discursos negativistas, no entanto, foram perdendo a força e, aos poucos, deram lugar a uma realidade totalmente oposta, responsável pela promoção dos mesmos a instrumento de resgate e inculcamento de valores. Passaram a ser utilizados em diversas campanhas sociais, até mesmo por alguns chefes de Estado, extrapolando as fronteiras do público infantil, e tornaram-se um reconhecido recurso educativo. Nesse sentido, atualmente, os quadrinhos são utilizados como recurso didático tanto em sala de aula, quanto em provas importantes relacionadas à educação brasileira, tais como: ENEM e Prova Brasil. Situações como essas demonstram o quanto os quadrinhos estão se fazendo presentes na área da educação. A proposta deste trabalho é demonstrar o quanto é possível a utilização dos quadrinhos nas aulas de português, literatura e redação.

Palavras-chave: ensino; quadrinhos; Língua Portuguesa.

Abstract: The comics have been marginalized, fought as a source of "distortion" of minors, put aside as something useless, especially for the area of education, under the claim that they did not have content considered cults or suitable for the education of children and adolescents. These negative speeches, however, were losing strength and gradually gave way to a reality totally opposite, responsible for promoting the instrument of redemption and “inculcamento” of value. Have been used in various social campaigns, even by some heads of State, extrapolating the frontiers of children, and have become a recognized educational resource. In this sense, the comics are currently used as didactic resource both in the classroom and in important evidence related to education, such as: ENEM and “Prova Brasil”.



Situations such as these demonstrate how the comics are doing in the area of education. The purpose of this work is to demonstrate how you can use the comics in Portuguese classes, literature and writing.

Key-words: *teaching; comics; Portuguese Language.*

Introdução

1. Algumas reflexões sobre linguagem e códigos

É por meio da linguagem que o homem confirma sua existência como ser participante em sociedade. Segundo Orlandi, “A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (2012, p. 15). Fato que pode explicar um interesse tão grande por estudos que envolvam esse fenômeno. Apesar de a AD não se preocupar com o estudo sistemático da língua, ela se preocupa “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos como parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (idem, p. 15-16).

Nesse sentido, não é pertinente dizer que a Análise do Discurso se preocupe com ensino de língua, mas que oferece recursos para instigar reflexões sobre novas concepções e novas razões para o ensino/estudo da mesma, uma vez que, teorias voltadas para diferentes ocorrências reais da língua são mecanismos de conscientização de que os sentidos podem ser tão importantes e explorados quanto os outros aspectos do trabalho nessa área.

A partir de reflexões sobre a linguagem, surgem muitas concepções e justificativas para seus usos, porém o que melhor atende às necessidades do foco deste artigo é feita por Gomes:

[...] os falantes não utilizam a língua apenas para exteriorizarem seu pensamento ou estabelecerem comunicação, mas usam para realizarem ações, para atuarem sobre o outro, ou seja, é pela linguagem que interagimos com os outros e produzimos sentido numa dada esfera social, histórica e ideológica. (GOMES, 2012, p. 12)

Nesse sentido, ao se perceber participante de um grupo, todo falante passa a tentar exercer algum tipo de influência sobre o mesmo, ainda que em uma ou outra situação. Tal processo se estabelece pelos mecanismos propostos pela linguagem, movido por alguma corrente ideológica dentro de um processo histórico de existência. É característica humana a necessidade de se situar em um grupo, partilhar

experiências, de dividir vivências, encontrar aceitação, enfim, ter uma identidade construída. Ainda que, sob apontamentos de alguns estudos, se saiba que os primeiros relacionamentos ou formação de grupos se deram por necessidade de sobrevivência relacionada à alimentação (caça) e proteção, a humanidade também caminhou no sentido da afetividade. É da relação com o outro que se identifica o eu.

Os desenhos rupestres, encontrados por arqueólogos em diferentes lugares do mundo, denotam o empenho do homem primitivo de contar suas histórias, de caçadas a conquistas. Exemplos citados podem ser os desenhos da gruta de Lascaux, no sul da França, os de Altamira, no norte da Espanha, ou os do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Estado de Piauí, pesquisados a partir do século XIX. Além disso, também servem de *corpus* para um outro campo de estudo, relacionado à leitura, ao entendimento, a diferentes modalidades de produções textuais, explorando linguagens diversificadas. Trata-se de um conjunto de informações externas ao formato mais tradicional de “texto”.

Um outro elemento envolvido nesse contexto é o código usado nas formas de comunicação. Segundo Dubois, (1993, p. 114):

Código é um sistema de sinais – ou de signos, ou de símbolos – que, por convenção prévia, se destina a representar e a transmitir a informação entre a fonte dos sinais – ou emissor – e o ponto de destino – ou receptor.

O código pode ser formado de sinais de natureza diferente: sons (código linguístico), sinais gestuais (como o movimento de braços de um homem que segura uma bandeira num barco, ou numa pista de aeroporto, símbolo como os painéis de sinalização de trânsito, ou ainda, sinais mecânicos como as mensagens datilografadas em Morse, etc. (DUBOIS,1993, p. 114)

Dessa forma, ao se analisar um processo de realização da comunicação, será percebido que há um conjunto de elementos demarcados por registro simbólico, seja por alfabeto ou não, a ser utilizado por alguém que deseje estabelecer algum tipo de comunicação por meio de um processo de construção de mensagem. O código poderá, ainda, influenciar na tipologia de linguagem adotada, conforme explica Gomes (p.12):

[...] pode ser classificada (*a linguagem*) de acordo com o sistema de sinais que ela utiliza: (a) verbal – aquela que utiliza palavras na comunicação e (b) não verbal – aquela que vai utilizar sinais como cores, gestos, desenhos, sinais sonoros e outros. (Gomes, 2012, p.12 - *grifo nosso*).

Outro conceito adotado aqui, também definido por Gomes (2012), pressupõe que linguagem seja “um sistema de sinais pelos quais os sujeitos interagem entre si afetados por valores históricos e sociais.”.



Tal escolha se justifica, basicamente, por duas razões, a primeira se dá pela proximidade com os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, disciplina que tem sido o aparato teórico de nossa pesquisa acadêmica; a segunda, porque, adotando uma relação de interdisciplinaridade, vem a atender as necessidades sociolinguísticas envolvidas no tema geral deste trabalho.

2. Pensando no aparecimento e evolução da escrita

Se havia uma necessidade do homem de ser conhecido, era preciso buscar meios para gerar novas formas de se propiciar relacionamentos, ou novos modos de estabelecer comunicação, nos grupos, comunidades e sociedades. Alargando a capacidade de comunicação por meio de novos instrumentos que a possibilitassem. Nesse sentido, Hjelmslev afirma que

A linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos. É o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, seus atos. Instrumento ao qual ele influencia, e é influenciado; a base mais profunda da sociedade humana. (Hjelmslev, 1975, p. 1)

Se a linguagem é um processo tão relevante para a realização da existência humana, isso justifica o homem passar grande parte de seu tempo desenvolvendo e estudando mecanismos instrumentais para a sua realização.

Dando continuidade aos primeiros registros das narrativas de sua história feitos em linguagem pictórica, a saga de se fazer entendido pelo outro, ou de se inscrever na história, mesmo depois da morte, mobiliza-o na busca por outros modos de registro. Nesse processo, o Dr. Mário Carabajal¹, registra o aparecimento da escrita, aproximadamente 4.000 anos antes de Cristo, com o surgimento da escrita cuneiforme, na região da Mesopotâmia, de caracteres semelhantes a cunhas e pregos.

Na sequência Tábua de Narmer, na região do Alto Egito, aproximadamente 3.000 anos a.C. vem demarcar a presença do hieróglifo egípcio, na ilha de Creta, os registros classificados de *Linear A*, (provavelmente usados para fins administrativos) e *Linear B*, uma forma mais cursiva. Ambas derivações dos antigos hieróglifos egípcios, em uma versão mais simplificada. Na China, há registros de documentos por volta de 2.000 a.C., oráculos inscritos em cascos de tartaruga ou ossos de animais.

¹ Dr. Mário Carabajal é Ph.I./Ph.D., Presidente da Academia de Letras Do Brasil, Especialista em Metodologia da Pesquisa Científica/UFRR.



Após essas, surge o alfabeto fenício, de 22 letras, que originaria o alfabeto grego, de 24 letras, que propagaria a escrita que iria alcançar o mundo. A evolução do alfabeto, dividido em consoantes e vogais, levaria à organização fonética. Ironicamente, após milhares e milhares de anos de evolução do registro pela escrita, fica confirmada a importância da oralidade como instrumento oficial e prioritário da comunicação, embora por algum tempo a tenham tentado menosprezar ou relegar a um plano menos importante.

Como um modismo humano, a cada surgimento de uma novidade, como se só houvesse espaço para uma ocorrência de cada vez, o modelo anterior acaba sendo abandonado. Foi o que aconteceu com a oralidade quando a escrita foi desenvolvida. Passou-se a se preocupar com o estudo de textos, e à nomenclatura *texto* só correspondia o texto escrito.

3. Pensando em texto no contexto social

Embora a simbologia das imagens ou representações iconográficas sempre se tenha feito presente em nossa cultura nos meios acessíveis à elite, organizações governamentais, nas religiões, etc., só com uma mais intensa evolução da sociedade, principalmente a partir da revolução industrial, com o crescimento das zonas urbanas é que se volta a dar mais espaço às comunicações diferentes do texto escrito. Talvez tenha sido nesse ponto o início da preparação para o retorno a um outro tipo de concepção textual: o texto não verbal.

Nesse sentido, ao falar em texto, buscamos numa interdisciplinaridade com a literatura, na palavra de Cunha, ao afirmar que “Toda mudança no modo de produzir linguagens afeta inevitavelmente a forma como percebemos o mundo, a imagem que temos desse mundo” (2002, p. 83) Com a necessidade de economizar tempo para investi-lo em lucro, a sociedade urbanizada e em ritmo de aceleração pelo desenvolvimento do sistema capitalista percebe na imagem uma forma de acelerar o processo comunicacional sem deixar de lado a eficiência.

Por outro lado, as conquistas sociais por meio da democracia e das lutas contra a desigualdade social geraram alteração na organização escolar, que passa a não ser totalmente voltada para a elite cultural, já que a escola também começa a se preocupar com a formação de mão de obra especializada, a fim de atender a demanda industrial. Desse modo, a escola passa a ter espaço para camadas mais populares em um movimento que vem antecipar práticas que mais à frente receberão enfoque acadêmico sob a nomenclatura de letramento e, mais tarde outras derivações.



Fato confirmado por Duboc ao dizer que “[...] o novo capitalismo pós-fordista articulado com as novas ideias de pluralismo cívico e de identidades múltiplas e amalgamadas altera consideravelmente a forma como sujeitos constroem conhecimento.” (2012, p.78). Se as relações sociais se expandem, com elas também as formas de comunicação e de linguagens precisam adquirir nova formatação.

4. Pensando em texto/escola

A linguagem, sendo tão importante precisa ser estudada, aprimorada, “aprendida” e como existe escola, então obviamente, lá é lugar de “aprender linguagem”. Em um contexto atual de combate ao “certo/errado”, não há preocupação aqui com o fato de a afirmativa anterior estar certa ou errada, apenas é preciso aliar a questão à demanda social. O fato é que certa ou errada, essa foi, e em alguns casos ainda é, uma realidade escolar, como atesta Ramos:

Por muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa se resumiu – ou se limitou – a gramáticas normativas, que ditavam aos alunos as regras do que seria a “boa língua” ou a “língua correta”.

Não é o caso de condenar as gramáticas normativas ou de desqualificá-las, mas é fato que o conceito de Língua Portuguesa, hoje, é bem mais amplo. Ensina-se a língua em uso, como processo de comunicação, em seus mais diversos contextos. O texto tornou-se o principal suporte pedagógico – e não apenas textos literários. (RAMOS 2007, p. 65)

Com a linguística, apresentando novos campos de estudos, que mais tarde seriam tratados em campos específicos como, por exemplo, na sociolinguística, o material de base dos estudos de Língua Portuguesa em sala de aula se modifica. O que anteriormente se dava, predominantemente, com o uso de frases descontextualizadas, ou quando muito com os clássicos literários, passa a ser realizado com o uso de gêneros textuais.

Além disso, outros tipos de linguagem ganham espaço de trabalho escolar, novas formas de linguagem, confirmando a divisão adotada por Gomes (2012) ao dividir a linguagem de acordo com o sistema de sinais que ela utiliza em verbal e não verbal. Desse modo, o texto imagético ganha espaço no livro didático e, conseqüentemente, na sala de aula, em um processo de multiletramentos, com novas formatações textuais; diversidades que investem em desconstruir as noções de “certo e errado”, uma vez que, as novas vozes presentes nos textos ultrapassam os limites da linguagem da elite sócio-econômico-intelectual, aceitando outros dizeres, abrindo espaço para outros personagens atuarem. Nesse sentido,



colabora Duboc: “O sujeito da era digital já não distingue tão facilmente o certo do errado porque já está imerso num mundo em que, a depender de seu contexto, o certo será certo apenas ali, mas não acolá, e ainda assim temporariamente”. (2012, p.88)

Mudam também os propósitos da prática textual em sala de aula. Sob a perspectiva do letramento crítico, o aluno precisa aprender a ser participante da vida social e da realidade social. O que, em outra linha de análise, vai refletir algum viés do que propõe a Análise do Discurso, uma vez que, sob esse enfoque, ficarão evidentes questões caras a essa disciplina, como a ideologia por trás do texto, o sujeito projetado em dadas condições de produção, o próprio jogo de imagens presente no momento da formação discursiva, os interdiscursos e o texto visto como discurso, a linguagem funcionando em contexto sócio-histórico na construção do sentido. A mesma autora confirma essa nova prática:

Os estudos de texto ou o trabalho com textos deve promover no aluno questionamentos como “O que estou fazendo aqui lendo este texto ? De onde o texto fala? Qual realidade é apresentada/construída neste texto? Da perspectiva de quem é construída? Como o texto conceitua X? Como X se constitui no texto? O que o texto deixa de dizer? O que o texto desconsidera ou considera irrelevante? O que coloca no centro? O que deixa às margens? Que outras possíveis versões são excluídas? Essa versão responde aos interesses de quem? De que formas (elementos linguístico-textuais) o texto constrói essa realidade? Como o texto posiciona o leitor? (DUBOC, 2012, p.89-90)

O uso desse modo de trabalho, somado ao desenvolvimento da consciência de que a sociedade é composta por diferentes esferas que se complementam, estudiosos e pesquisadores da educação passaram a se preocupar com uma pedagogia que se preocupasse com a interação entre grupos sociais de ‘espaços’ diferentes. Surge assim a busca por uma pedagogia linguístico-interdisciplinar, e – por que não dizer transdisciplinar e multidisciplinar – “que abarque diferentes práticas, textos, gêneros, linguagens e variedades, constituindo-se assim uma proposta inclusiva.” (Duboc, 2012, p.79).

Dentre as modalidades textuais com a função de atender a essas perspectivas de trabalho com linguagem, está o estudo de textos voltados para a construção de sentidos mais coerentes com os valores e com a face real da sociedade, priorizando a diversidade linguístico-social, bem como textos que trabalhem os vários aparatos de construção da linguagem. Nesse sentido, um gênero textual se destaca: as Histórias em Quadrinhos (doravante HQs). Mais uma vez, atendendo à perspectiva do letramento adotada pela autora em questão: “O sentido é construído em formas cada vez mais multimodais – nas



quais modos representacionais escritos interagem com padrões espaciais, táteis, gestuais, auditivos e orais de significação.” (Kalantzis; Cope, 2011 *apud* Duboc, 2012, p.79).

5. Algumas definição de HQs

Para se estabelecer algum tipo de definição sobre HQ, é preciso pensar no conjunto de características que compõem a estrutura desse objeto de estudo, reconhecendo-as como texto², e, conseqüentemente, como gênero. Para Bazerman (1994) mesmo havendo interesse em estabelecer fronteiras e classificações entre os gêneros, seria apenas um processo de duração temporária.

No entanto, ainda assim, Marcuschi reconhece que “precisamos da categoria de gênero para trabalhar com a língua em funcionamento, com critérios dinâmicos, de natureza ao mesmo tempo social e linguística.” (2012, p. 19). O problema se dá pelo fato de se correr o risco de ser reducionista formalista ao se tentar estabelecer limites entre os gêneros, tratando-os como figuras estanques. É preciso que se reconheça que os gêneros não são puros, uniformes, e rígidos em suas formas, ao contrário se entrelaçam em muitas faces, possuindo vários pontos em comum e de atravessamento.

Costa, seguindo uma linhagem Bakhtiniana, vai dividir os gêneros em primário - a conversa entendida como uma realização “sem preocupação com formalismos” – se é que se possa desconsiderar as regras estabelecidas pelas comunidades de falantes – e secundário – tipo de texto arregimentado por estruturas mais formais. Uma definição mais clara separaria a conversa – situações mais familiares, espontâneas ou informais- como gênero primário e as situações sociais, mais formais como secundário, já que se constroem com a escrita, ou com estruturas pré-estabelecidas.

Em paráfrase a Bronckart (1999, pp. 69-77) e a Bakhtin (1953;1973) Costa explica que “os gêneros textuais, orais e escritos, são produtos histórico-sociais de grande heterogeneidade, em função dos interesses e das condições de funcionamento das formações sociais”. Essa constatação se faz extremamente pertinente no campo de estudo das HQs. Afinal, haveria maior heterogeneidade em algum gênero do que a encontrada em um modelo que se estabelece usando da fala e da escrita; da linguagem verbal e visual entre outras particularidades? Além disso, se olhada como “família”, conforme fazem alguns, tanto as tirinhas, quanto cartuns ou charges, tal complexidade ainda se amplia pelo campo da

² Para Costa 2006, “os textos são unidades de sentido, dadas por recorrência daquilo que é dito e de um modo próprio de dizer, com unidades lingüísticas empíricas e concretas, produtos legíveis ou audíveis, com objetivo comunicativo, como uma carta comercial de cobrança ou uma receita de bolo de fubá.”



intencionalidade – da crítica, da análise, do convite à reflexão e até mesmo da intervenção em questões. Assim muitas vezes as fronteiras são forçadas a se ampliarem ainda mais para que caiba a narrativa, o argumento, o protesto, a crítica, o convite, misturando gêneros e até tipologias em um mesmo texto.

Nesse sentido, as HQs, que inicialmente foram classificadas como modalidades incultas, sem importância para os escolarizados, hoje requerem vasto domínio teórico no campo das letras e ciências sociais para que sejam compreendidas adequadamente. Além de promoverem uma verdadeira viagem na história para que se compreenda sua origem no campo das produções humanas. Trajeto que se inicia nas pinturas rupestres, denunciando a habilidade dos homens para as produções textuais desde tempos anteriores à escrita, confirmando outra teoria de Costa (2006): “os gêneros textuais estão em movimento perpétuo: alguns desaparecem, outros voltam sob formas parcialmente diferentes, ou ainda, surgem novos gêneros”. O histórico da existência das HQs, são uma excelente ilustração para essa afirmativa.

As HQs ainda se movimentam entre as próprias definições estruturais, uma vez que seriam fundamentadas na fala, que passa a ser registrada por meio da escrita, não podendo ser enquadradas tão somente como gênero primário, ainda que de fato não se restrinja ao secundário. Costa (2006) lhe atribui o lugar de gênero jornalístico e explica essa inconstância:

Um gênero primário – a conversação – se transforma em um secundário – o diálogo entre personagens ou a entrevista. Nesse processo de transformação, o secundário traz características do primário, acrescenta novas características da nova esfera discursiva em que circula e se realiza como um novo gênero. Há semelhanças, sim, entre eles, mas são gêneros diferentes. Não podemos estabelecer claramente as fronteiras entre eles, contudo, por suas características individuais, constituem-se um objeto sempre único, resultado de transformações histórico-sociais.

Mesmo assim, por questões didáticas ou por necessidades teóricas para estudos, em meio a formas e reformas, cada gênero se distingue por características individuais, mantendo seu *status* de único, mesmo que muito próximo de outros. Costa ainda atribui outras formas de se estabelecer diferenças entre os gêneros, dentre eles os “tipos de discurso: narrativo, expositivo, argumentativo, instrucional, conversacional etc que organizam o texto” e “o domínio discursivo: esfera/instância de atividade humana que produz textos com algumas características comuns, isto é, o *lugar* onde os textos ocorrem/circulam (lugar de produção e recepção), como o jurídico, o empresarial, o futebolístico etc”. Do mesmo modo, podem-se acrescentar as HQs nessa sequência.

Nesse sentido, as histórias em quadrinhos são um gênero textual primário-secundário, realizado de forma verbal e não verbal, integrando linguagem oral/escrita, que reúne dentro de pequenos quadros em sequência qualquer situação do mundo, para qualquer faixa etária, em ilimitados períodos históricos, com finalidades que podem ir do entretenimento à crítica social. Os níveis de linguagem adotados, nesse sentido vão variar conforme o conteúdo adotado podendo ir do coloquial à norma culta, em seus diversos níveis de formalidade e também de acordo com o meio de circulação pretendido. Como explica Costa (2006):

Nesse sentido, na produção de um gênero, vai haver sempre uma interação determinada, regulada pela organização enunciativa da situação de produção, que é definida por alguns parâmetros sociais:

- *o lugar social da interação* (sociedade, instituição, esfera cultural, tempo histórico);
- *os lugares sociais dos interlocutores ou enunciadore*s (relações hierárquicas, relações interpessoais, relações de poder e dominação etc.) e
- *finalidades da interação* (intenção comunicativa do enunciadore). Além disso, a forma composicional e as marcas lingüísticas (gramática) dependem do gênero a que pertence o texto e esse gênero operante dependerá da situação da enunciação em curso na operação. (Costa 2006)

Por isso o letramento exigido para a leitura eficiente de uma HQ exige entendimento quanto às variedades lingüísticas, incluindo a norma culta, leitura de imagens com ênfase nas expressões faciais, além das demais figuras que compõem o contexto imagético, além de um básico conhecimento sobre as ciências humanas, bem como constante e atualizado conhecimento de mundo. Não é em vão que vários pesquisadores, também da Análise do discurso, têm se voltado para estudos de quadrinhos, visto que esse gênero tem a propriedade de evidenciar “como este texto significa”³.

Em uma tentativa de definir HQ, pode-se dizer que são um modelo de texto narrado em quadros sequenciais, que adota a interdisciplinaridade desde a própria constituição até os assuntos que engloba, geralmente funcionando como estopim para posicionamentos frente a problemáticas sociais. Nesse sentido, seria coerente se pensar em HQ como um conjunto de gêneros ou gênero multi-modal.

6. Quadrinhos e práticas didáticas

³ Eni Orlandi (2012, p. 21) explica que a finalidade da Análise do Discurso não se restringe a interpretar o texto, como algumas disciplinas voltadas a questões mais lingüísticas, mas se ocupa de fatores que vão levar o texto a apresentar um sentido, embora sem separar forma e conteúdo.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Em tempos de discussões sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas, é importante ressaltar que algumas teorias acabam por gerar mais confusão do que solução para os problemas do ensino.

Algumas preocupações nesse contexto seriam os resultados alcançados pelos alunos nas avaliações escolares; em concursos como o antigo e quase extinto vestibular, hoje substituído em grande parte das universidades do país pelo ENEM, sobretudo nas áreas de interpretação de texto e produção textual. Há ainda a insuficiência de domínios linguísticos necessários a situações concretas de comunicação social; desacordos em relação aos conteúdos programáticos, ou grades curriculares, e as brechas deixadas pela chamada gramática normativa em relação a explicações dadas a determinados assuntos gramaticais – e até mesmo a ausência delas

Nesse sentido, várias mudanças têm sido presenciadas, além de muitos conflitos, dúvidas, divergências, comodismos, e equívocos. Situação que têm formado dois pontos extremos: de um lado aqueles que acreditam que é preciso “ensinar gramática na escola”, de outro os que defendem o “não ensinar gramática na escola”. Nesse entremeio, várias “teorias” e conceitos diferentes surgiram. Porém falta muito para se poder afirmar que as soluções foram encontradas. Ao contrário, em muitos casos, o que mais parece é que se tem substituído problemas tradicionais por problemas modernos, ou seja, se antes o que se tinha enchendo o caderno ou o livro dos alunos eram listas infindáveis de frases soltas focando regras gramaticais, hoje o que compõe os mesmos espaços são inúmeros gêneros textuais que se amontoam e disputam espaço, ora para estudar assuntos de gramática, ora para serem usados em interpretações deficientes de texto, ou simplesmente motivar produção textual.

Nesse sentido, da mesma forma que um cidadão, em maior ou menor grau, se submete a modelos de roupas adequadas às diferentes situações, necessário se faz que seu “armário” linguístico também contenha modelos diferenciados de variedades linguísticas, que lhe permitam apresentar-se de forma adequada em diferentes atuações sociais. Por isso as aulas de língua portuguesa precisam oferecer modalidades linguísticas que atendam a isso.

É interessante observar, que nesse processo de aquisição de uma nova “roupagem”, dois fatores acontecem: primeiramente, ninguém arranca à força a roupa com que a pessoa entrou na loja e lhe “enfia” uma outra imediatamente, jogando a primeira no lixo; do mesmo modo que o cliente nunca vai chegar a um vendedor e dizer “Quero comprar uma roupa igual a esta, porque é só assim que me visto sempre!”

Desse modo, é preciso que os estudos de língua portuguesa relacionem o maior número de áreas e conteúdos possíveis, de forma global e complementar e não fragmentada e excludente, nem de conteúdos

nem de falantes. Afinal esse espaço costuma ser o único para alguns cidadãos em formação receberem a ampliação de seus domínios linguísticos.

Nesse aspecto, os gêneros textuais podem ser um conjunto de ferramentas importantes para atingir tais objetivos. Os quadrinhos fazem parte constituindo-se, em sua própria estrutura original, objeto de extrema contribuição na ampliação e no aprimoramento de conhecimentos linguísticos. A seguir, serão citados alguns exemplos de estudos envolvendo tal recurso, não com a intenção de elaboração de um manual didático, mas como simples possibilidades de exercícios.



Temas possíveis:

1- Linguísticos:

- Sintaxe: tipos de frases que constroem os diálogos;
- pontuação: os sentidos e a coesão construída por determinados sinais de pontuação;
- correlação entre pessoas gramaticais e pronomes;
- as transformações e quebras de funções determinadas pelo falante (a língua não é estanque): pronome de tratamento **você** funcionando como sujeito – papel do pronome reto;
- interjeição;
- variedades linguísticas;
- linguagem denotativa;
- linguagem conotativa, etc.

2- Questões de formação social:

- Argumentação e poder (jogo de palavras no discurso sofista) – as estratégias de textos persuasivos;



- Vocabulário e sentido X interesses ocultos de forças dominantes – o rótulo na divisão de funções sociais como instrumento de aceitação;
- Passividade diante de imposições sutis, o modelo do dominado e sua ação;
- Os riscos na sociedade atual; etc.

3- Questões estruturais:

- Características do gênero;
- Elementos que compõem o gênero e seus sentidos.

4- Questões textuais:

- leitura de explícito;
- leitura de implícito;]
- inferências;
- elementos coesivos e seus efeitos;
- coerência;
- produções textuais/gêneros e intencionalidades.

Considerações Finais

A linguagem tem sido um fator de realização do homem e da história ao longo dos anos, por isso diversas técnicas de comunicação vêm sendo exploradas, já que por ela, além de se comunicar, o homem significa e produz ações sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a sociedade.

No entanto, ao se tornar disciplina escolar, muitos problemas têm sido averiguados e, na tentativa de resolvê-los ou saná-los, diversos estudos têm se estabelecido gerando inúmeras transformações no trabalho com a língua portuguesa na escola.

Nesse processo, percebe-se que, em busca de se obter uma solução para o presente e algo mais produtivo para o presente, uma modalidade textual configurada em um passado primitivo vem mostrando excelentes possibilidades em sua riqueza estrutural: as HQs, que reproduzem as técnicas de desenhos, semelhantes aos que eram registrados nas pinturas rupestres.

Desse modo, ao reunir linguagem verbal e não verbal, bem como sons e cores, entre outros elementos, esse gênero multimodal se constitui em um recurso que atende desde as questões da gramática



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

da variedade culta às variedades coloquiais perpassando por questões sociais de análise e formação política de um cidadão.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica *in A ideia do cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- BAZERMAN, C. 1994. Systems of Genres and the Enactment of social Intentions. In: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter. *Genre and the New Rhetoric*. London: Taylor & Francis. p. 79-101.
- CARABAJAL, Mário. Síntese Histórica do Surgimento e Evolução da Escrita
Retirado de: <http://www.academialetrasbrasil.org.br/histescrita.htm> Acesso em: junho de 2013
- CEREJA, Willian Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Todos os textos*. São Paulo: Atual. 2003.
- COSTA, Sérgio.** *Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. RECORTE - revista eletrônica. ISSN 1807-8591. UNINCOR. **Ano 3 - Número 5 - Julho a Dezembro de 2006.**
- COSTA VAL, M. G., *Redação e Textualidade*. S. Paulo, Martins Fontes: 1991.
- CUNHA, Maria Zilda da. *A Tessitura dos Signos: Matrizes de Linguagem e pensamento na literatura infantil e juvenil em obras de Ângela Lago e Octaviano Correia*. 2002. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2012.
- DUBOC, Ana Paula Martinez. *Atitude Curricular: letramentos críticos nas brechas da formação de professor de inglês*. Tese de Doutorado. USP, 2012
- DUBOIS, Jean *et alli*. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix. 1973
- GOMES, Nataniel dos Santos & ABRÃO, Daniel. Ideologias nos Quadrinhos: o capitão América in GOMES, Nataniel dos Santos, RODRIGUES, M. L. (Orgs) *Para o alto e avante*. Curitiba: Appris. 2012.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- FERREIRA, C. Blog Arte Tempo: o percurso da arte ao longo da história. *Gruta de Lascaux, França*. Retirado de: <http://artetempo.blogspot.com.br/2009/11/gruta-de-lascaux-franca.html> .Acesso em julho de 2013
- FARTO, Thagor do Vale *et alli*. *A história das pinturas rupestres*. Retirado de: <http://ahistoriadacomunicacao.wordpress.com/> Acesso em julho de 2013
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2012



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. *In* RAMA, A. & VERGUEIRO, W. (Orgs). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.